**A mulher samaritana junto ao poço: João 4.7 - 30**

Input espiritual - 9 de outubro

**Padre Timothy Radcliffe OP**

Hoje começamos a refletir sobre o ponto B.1 do *Instrumentum Laboris*, "Uma comunhão que irradia". O tema que surgiu com mais frequência nas nossas sessões da semana passada foi a formação. Então, como é que todos nós podemos ser formados para uma comunhão que transborde para a missão?

No capítulo 4 de João, ouvimos falar do encontro de Jesus com a mulher junto ao poço. No início do capítulo, ela está sozinha, uma figura solitária. No final, ela é transformada na primeira pregadora do Evangelho, tal como a primeira pregadora da ressurreição será outra mulher, Maria Madalena, a Apóstola dos Apóstolos: duas mulheres que iniciam a pregação, primeiro, da boa nova de que Deus veio até nós e, depois, da ressurreição.

Como é que Jesus supera o seu isolamento? O encontro começa com umas palavras curtas, apenas três em grego: "Dá-me de beber". Jesus tem sede e precisa de mais do que água. Todo o Evangelho de João está estruturado em torno da sede de Jesus. O seu primeiro sinal foi oferecer vinho aos convidados sedentos no casamento em Caná. Praticamente as suas últimas palavras na cruz são "tenho sede". Depois diz: "Está cumprido" e morre.

Deus aparece entre nós como alguém que tem sede, sobretudo de cada um de nós. O meu aluno-mestre, Geoffrey Preston OP, escreveu: "A salvação tem a ver com o facto de Deus desejar-nos e ter sede de nós; Deus quer-nos muito mais do que nós alguma vez o poderemos querer.[[1]](#footnote-1) A mística inglesa do século XIV, Julian of Norwich, disse: "o desejo e a sede espiritual [*ghostly*] de Cristo dura e durará até ao dia do Juízo Final. [[2]](#footnote-2)

Deus tinha tanta sede desta mulher perdida que se tornou humano. Partilhou com ela o que há de mais precioso, o nome divino: "Eu SOU é aquele que fala contigo". É como se a Encarnação tivesse acontecido só para ela. Ela aprende a ter sede também. Primeiro, de água, para não ter de ir todos os dias ao poço. Depois, descobre uma sede mais profunda. Até agora, ela andou de homem em homem. Agora descobre aquele que sempre desejou sem o saber. Como dizia Romano, o Melodista, muitas vezes a vida sexual errática das pessoas é uma busca da sua sede mais profunda, de Deus[[3]](#footnote-3) . Os nossos pecados, os nossos fracassos, são geralmente tentativas erradas de encontrar o que mais desejamos. Mas o Senhor espera-nos pacientemente junto aos nossos poços, convidando-nos a ter sede de mais.

Assim, a formação para "uma comunhão que irradia" é aprender a ter sede e fome cada vez mais profundas. Começamos com os nossos desejos quotidianos. Quando estive doente com cancro no hospital, não me foi permitido beber nada durante cerca de três semanas. Fiquei cheio de sede. Nunca nada me soube tão bem como aquele primeiro copo de água, melhor até do que um copo de whisky! Mas, aos poucos, descobri que havia uma sede mais profunda: "Oh Deus, tu és o meu Deus, por ti anseio, como uma terra seca e 4 sem água" (Salmo 62).

O que nos isola a todos é estarmos presos a pequenos desejos, a pequenas satisfações, como vencer os nossos adversários ou ter estatuto, usar um chapéu especial! Segundo a tradição oral, quando Tomás de Aquino foi questionado pela sua irmã Teodora sobre como se tornar santo, respondeu com uma palavra: *Velle*! Querer[[4]](#footnote-4) ! Jesus pergunta constantemente às pessoas que se aproximam dele: "Que queres?"; "Que posso fazer por ti?". O Senhor quer dar-nos a plenitude do amor. Queremo-lo?

Assim, a nossa formação para a sinodalidade significa aprender a tornarmo-nos pessoas apaixonadas, cheias de desejo profundo. Pedro Arrupe, o maravilhoso superior geral dos jesuítas, escreveu: "Nada é mais prático do que encontrar Deus, isto é, do que se apaixonar de uma forma absoluta e definitiva. O que nos apaixona, o que se apodera da nossa imaginação, vai afetar tudo. Decidirá o que te faz levantar da cama de manhã, o que fazes à noite, como passas os fins-de-semana, o que lês, quem conheces, o que te parte o coração e o que te surpreende de alegria e gratidão. Apaixona-te, fica apaixonado, e isso decidirá tudo.[[5]](#footnote-5) ' Esse homem apaixonado, Santo Agostinho, exclamava: "Provei-te e agora tenho fome e sede de ti; tocaste-me e ardi pela tua paz[[6]](#footnote-6) ".

Mas como é que nos tornamos pessoas apaixonadas - apaixonadas pelo Evangelho, cheias de amor umas pelas outras - sem desastres? Esta é uma questão fundamental para a nossa formação, especialmente para os nossos seminaristas. O amor de Jesus por esta mulher sem nome liberta-a. Ela torna-se a primeira pregadora, mas nunca mais se ouve falar dela. Uma Igreja sinodal será aquela em que somos formados para um amor sem possessões: um amor que não foge do outro nem se apodera dele; um amor que não é abusivo nem frio.

Em primeiro lugar, é um encontro intensamente pessoal entre duas pessoas. Jesus encontra-a tal como ela é. Tens razão quando dizes: "Não tenho marido". Porque tiveste cinco maridos e o que tens agora não é teu marido. O que disseste é verdade". Ela aquece-se com a resposta e responde de forma irónica: "Ah, então és um profeta".

Devemos ser formados para encontros profundamente pessoais uns com os outros, nos quais transcendemos os rótulos fáceis. O amor é pessoal e o ódio é abstrato. Volto a citar o romance "O *Poder e a Glória"*, de Graham Greene: "O ódio era apenas uma falha de imaginação". O desacordo muito pessoal de São Paulo com São Pedro foi duro, mas foi verdadeiramente um encontro. A Santa Sé é fundada sobre este encontro apaixonado, zangado mas *real*. As pessoas que S. Paulo não podia tolerar eram os espiões dissimulados, que coscuvilhavam e trabalhavam secretamente, sussurrando nos corredores, escondendo quem eram com sorrisos enganadores. A discordância aberta não era o problema.

Tantas pessoas sentem-se excluídas ou marginalizadas na nossa Igreja porque lhes impusemos rótulos abstractos: divorciados e recasados, homossexuais, polígamos, refugiados, africanos, jesuítas! Um amigo disse-me no outro dia: "Odeio rótulos. Detesto que ponham as pessoas em caixas. Não suporto estes conservadores". Mas se conhecermos realmente alguém, podemos ficar zangados, mas o ódio não se sustenta num encontro verdadeiramente pessoal. Se vislumbrarmos a sua humanidade, veremos aquele que os cria e os sustenta no ser cujo nome é EU SOU.

O fundamento do nosso encontro amoroso mas não possessivo com o outro é certamente o nosso encontro com o Senhor, cada um no seu próprio poço, com as nossas falhas, fraquezas e desejos. Ele conhece-nos tal como somos e liberta-nos para nos encontrarmos uns aos outros com um amor que liberta e não controla. No silêncio da oração, somos libertados.

Encontra aquele que a conhece totalmente. Isso impele-a para a sua missão. Vem ver o homem que me contou tudo o que eu fiz". Até agora, ela viveu na vergonha e na dissimulação, temendo o julgamento dos seus concidadãos. Ela vai ao poço no calor do meio-dia, quando ninguém mais está lá. Mas agora o Senhor fez brilhar a luz sobre tudo o que ela é e ama-a. Depois da queda, Adão e Eva escondem-se da vista de Deus, envergonhados. Agora ela entra na luz. A formação para a sinodalidade retira os nossos disfarces e as nossas máscaras, para que possamos entrar na luz. Que isso aconteça nos nossos *circuli minori*!

Então, seremos capazes de mediar o prazer desmedido de Deus em cada um de nós, no qual não há vergonha. Nunca esquecerei uma clínica de SIDA chamada Mashambanzou, nos arredores de Harare, no Zimbabué. A palavra significa literalmente "a hora em que os elefantes se lavam", que é ao amanhecer. Depois, descem ao rio para chapinhar, esguichar água sobre si próprios e sobre os outros. É um momento de alegria e de brincadeira. A maior parte dos doentes eram adolescentes que não tinham muito tempo de vida, mas é um lugar de alegria. Lembro-me especialmente de um rapaz chamado Coragem, que enchia o sítio de gargalhadas.

Em Phnom Penh, no Camboja, visitei outro asilo para doentes com SIDA gerido por um padre chamado Jim. Ele e os seus ajudantes recolhem as pessoas que estão a morrer de SIDA nas ruas e trazem-nas para esta simples cabana de madeira. Um jovem tinha acabado de ser trazido. Estava emaciado e não parecia ter muito tempo de vida. Estavam a lavar e a cortar-lhe o cabelo. O seu rosto era de felicidade. Este é o filho de Deus em quem o Pai se compraz.

Os discípulos regressam com comida. Ficam chocados ao verem Jesus a falar com esta mulher perdida. Os poços são lugares de encontro romântico na Bíblia! Tal como com ela, a conversa tem um início lento. Duas palavras apenas: "Rabi, come". Mas ela tornou-se pregadora mesmo antes deles. O nosso papel de sacerdotes é muitas vezes o de apoiar aqueles que já começaram a fazer a colheita antes mesmo de nós acordarmos.

1. *Hallowing the Time:Meditations on the Cycle of the Christian Liturgy*, Darton, Longman and Todd, Londres, 1980, p.83. [↑](#footnote-ref-1)
2. *Revelações do Amor Divino*, capítulo 31 [↑](#footnote-ref-2)
3. Cant. 10, citado por Simon Tugwell OP, *Reflections on the Beatitudes*, Darton, Longman and Todd, Londres, 1980, p.101 [↑](#footnote-ref-3)
4. Placid Conway OP, *São Tomás de Aquino*, Longmans Green, Londres 1911, p.88 [↑](#footnote-ref-4)
5. Virgil Elizondo *Charity* Nova Iorque 2008 p.22 [↑](#footnote-ref-5)
6. Leitura do Breviário para a festa: Confissões, Bk 10, xxvii (38). [↑](#footnote-ref-6)